

HISTÓRIAS DO FUTEBOL: UMA LEITURA ETNOLÓGICA

Eduardo Luz*

Resumo

Estudo de *Histórias do Futebol*, de João Saldanha, pela Antropologia da Literatura. Toma-se o “texto assinado” como etnografia, na investigação do mapa cultural explorado pelo autor. O quadro referencial apóia-se no Triângulo Ritual Brasileiro, conceito desenvolvido por Roberto DaMatta e adaptado para esta importante celebração ritualística da cultura brasileira: o futebol.

Palavras-chave: *Antropologia da Literatura; etnografia; futebol.*

Abstract

Study of João Saldanha's *Histórias do Futebol*, for the Anthropology of Literature. The “signed text” is taken as ethnography, in the investigation of the cultural map explored by the author. The referential scene is supported by the Brazilian Ritual Triangle, concept developed for Roberto DaMatta and adapted for this important ritualistic celebration of the Brazilian culture: the football.

Keywords: *Anthropology of Literature; ethnography; football.*

Histórias do Futebol foi lançado em 1963, com o título de *Subterrâneos do Futebol*, um bem-disposto contraponto com *Os Subterrâneos da Liberdade*, de Jorge Amado, lançado nove anos antes. João Saldanha e Jorge Amado eram companheiros no Partido Comunista Brasileiro, e se na obra deste se relatavam as agruras por que passavam os militantes clandestinos, na de Saldanha descrevem-se as aventuras do lendário Botafogo de Garrincha, Nílton Santos, Didi e Zagalo, entre 1957 e 1959. O futebol dessa época, entre a profissionalização dos anos 30 e o atual fenômeno de mídia numa sociedade globalizada, impunha aos clubes longas excursões pelo Brasil e exterior, na busca de

cotas que cobrissem as suas despesas. O livro resgata essas peripécias, ao mesmo tempo em que registra, numa primeira pessoa quase impessoal, como Saldanha inicia sua carreira de técnico e experimenta por dentro o mundo desse esporte. Para a análise pretendida, tomaremos o texto assinado por Saldanha como descrição de momentos da vida social, visando ao mapa cultural que a obra permite revelar. Estudá-la como etnografia liga-nos à Antropologia da Literatura. Antes de qualquer exercício, no entanto, fazem-se necessárias duas explicações: uma sobre os estudos culturais, outra sobre o conceito de *mimesis*. Foram os estudos que, liberando as margens e valorizando as temáticas do cotidiano, abriram campo para o estudo do futebol como prática significativa. Quanto à perspectiva mimética adotada, usar um texto literário como peça etnográfica implica desconsiderar – em boa medida – questões poéticas que ajudam a tomá-lo como tal; a leitura sintomática obriga, prioritariamente, a uma estrutura de inteligibilidade dos acontecimentos – a *mimesis*, aqui, é uma atividade cognitiva, fundada nas relações entre homem e mundo.

Nosso quadro referencial teórico apóia-se no Triângulo Ritual Brasileiro, de Roberto DaMatta, em cujos vértices o antropólogo fixou o Dia da Pátria, o carnaval e a festa religiosa, festivais respectivamente ligados a mecanismos de reforço, inversão e neutralização da estrutura social brasileira. Por entendermos que o futebol envolve os três ritos enquanto modos de *significar* a sociedade, adaptamos os três vértices, respectivamente, para oficiais, jogadores e torcedores, actantes do universo futebolístico. Sustentamos a analogia pela idéia de que não há alterações de essência entre categorias usadas no mundo dos ritos e no mundo do cotidiano. No caso específico de *Histórias do Futebol*, veremos como João Saldanha explorou a implicação entre esses três personagens paradigmáticos, realçando as alteridades enquanto, paradoxalmente, encaminha-se para desfazê-las.

* Professor Assistente do Departamento de Literatura da UFC – Mestre em Literatura Brasileira

Três aspectos do livro destacam-se para apreciação. O primeiro liga-se ao gênero da obra: como classificá-la? o que significa a dificuldade de classificá-la? O segundo responde pelo relevo notável que adquire a figura de Garrincha, sob o ângulo picaresco e/ou malandro. O terceiro está vinculado não mais a oscilações pontuais, mas a uma oscilação ampla do repertório de atores e ambientes, numa articulação complexa que disponibiliza o rito do futebol como instante em que a sociedade fala de si própria.

OSCILAÇÃO DE GÊNERO

O primeiro campo que se oferece à análise é o do gênero em que se enquadraria *Histórias do Futebol*. Se não deixa de ser um *testemunho*, beira a *reportagem*, pela adoção de uma instância narrativa que é autodiegética, mas que abre a perspectiva da história – generosamente – a cada personagem abordado. A obra não deixa de ser um *relato de viagem* (inúmeras, aliás: de Londrina a Belém, de Caracas a Herlen, na Holanda...) obscurecido, em tantos pontos, por reflexões comuns a *ensaios filosóficos, políticos e culturais*. É, também, um *romance de aventuras* com personagens históricos (alguns míticos, como Garrincha); é uma *apologia* e um *anedotário*... o caráter digressivo de *Histórias do Futebol* manifesta fantasia intelectual, mas também inclinação humorística.

O antropólogo Clifford Geertz, em seu ensaio “Mistura de gêneros: a reconfiguração do pensamento social”, reflete sobre as analogias com jogos, dramas e textos adotadas modernamente pelos cientistas sociais, o que consagra a utilização de imagens das Humanidades como modelo e realça as afinidades entre antropologia e crítica literária. No âmbito desse pluralismo, alimenta-se o problema do estilçamento e da interpenetração dos gêneros literários, o que Geertz chama de *blurred genres*. Para ele, todo esse conjunto de fatos sugere uma extraordinária mudança no que diz respeito a categorizar e conceituar: “Algo está sucedendo com a maneira como achamos que pensamos.” (GEERTZ, 1997, 34-35). Hoje, após longos quarenta e quatro anos que nos separam da primeira edição do inclassificável *Histórias do Futebol*, destaca-se nesse texto todo um esquema dinâmico de forças ligadas a categorias culturais – toda uma “gramática” – que, antes, pouco se oferecia à interpretação. A obra de Saldanha, valorizada como *doce* durante décadas, hoje também se afigura bastante *útil*, e precisamente por sua fluidez e descentralização.

OSCILAÇÃO DO PERSONAGEM PREFERENCIAL

A leitura de *Histórias do Futebol* deixa revelar a larga simpatia do narrador pelos jogadores, como grupo e como categoria profissional. O antepenúltimo capítulo do livro é um elogio explícito a eles. Dentre todos, no entanto, destaca-se Mané Garrincha; é com ele que viajamos, levados pela

mão do narrador. São inúmeros os episódios dos quais Garrincha é protagonista; em alguns, é um personagem secundário ou tangencial, mas, em qualquer dos casos, sua figura avulta no desfecho da história, da qual é invariavelmente o vencedor, e à custa da ... malandragem. Tomemos aqui esta palavra sob o conceito desenvolvido por Roberto DaMatta: “um modo possível de ser”, “um estilo de navegação social”, maneira – ou jeitinho – de o brasileiro enfrentar as contradições de um país onde as leis apóiam-se no *não pode*, contrariando tantas vezes o bom senso e, na prática, subjugando o cidadão ao Estado. Garrincha é, sob este aspecto, o “malandro”, entre a ordem e o prazer; abaixo da lei, mas sem tocar a desonestidade.

Isso nos levaria a pensar na figura do pícaro, personagem surgido na literatura espanhola do século XVI, que abriu caminho para a legitimidade literária de textos em que se fixa a luta dos marginalizados pela sobrevivência. O modular Garrincha seria um pícaro? Um “malandro” é necessariamente um pícaro? Para desenvolvermos essas questões, revisitemos o Antonio Candido de “Dialética da malandragem”, em que o mestre retoma idéias de Frank Wadleigh Chandler sobre o (anti-)herói picaresco. Seriam algumas características do pícaro: 1. A dura relação com a realidade, o que o conduz à mentira, à dissimulação; 2. A amabilidade e a ingenuidade; 3. As ações sem lastro psicológico claro. O livro de João Saldanha é pródigo em Mané Garrincha. Façamos a recolha – com indispensável síntese – de três episódios envolvendo o genial ponta-direita. Vejamos como tocam os três itens anteriormente referidos sobre o pícaro:

1. Amistoso em Araguari, Minas Gerais. Jogo violento. Um atacante mineiro atinge Garrincha, por trás; este reclama, num “gesto triste”. O agressor retruca: “O jogo é pra homem.” Garrincha vira-se para Tomé, vigoroso zagueiro do Botafogo, e diz-lhe: “Olha aí, Tomé, ele disse que dá em mim e em você também.” Tomé, enfurecido, dirige-se ao adversário e promete quebrá-lo. Garrincha pôde jogar em paz.
2. Torneio de Caracas: Botafogo contra Sevilla. Quarentinha e um zagueiro espanhol discutem e agarram-se. Briga coletiva, envolvendo as duas equipes. A um canto do gramado, Garrincha e um jogador adversário sentam-se e desenvolvem animada conversa. Após o jogo, perguntado por que não entrara na briga, Mané respondeu: “Eu também achei besteira brigar à toa, nem conheço ele e ficamos batendo papo (...) É boa praça.”
3. “México. Época de carnaval. Saldanha e alguns jogadores alugam dois táxis; em quatro horas, chegariam a Vera Cruz, cidade onde “havia carnaval”, segundo uma fonte confiável. Chegados à cidade, pouco que lembrasse a festa: dois palhaços – cada um portava uma “cabeça” enorme, de

quase dois metros, em forma de totem – reagem, cansados, aos gritos dos passantes. Decepcionados, os brasileiros ainda rodaram por Vera Cruz; antes de voltar, decidiram parar em um bar. Lá estava, sozinho, Mané Garrincha, a beber uma cerveja; ainda vestido de “payaso”, tinha a seu lado, sobre o piso do bar, a imensa “cabeça” que os companheiros tinham visto de passagem.

Ao investigar o que chamou de “romance malandro”, Antonio Candido identificou o protagonista através de certas linhas, dentre as quais destacamos: 1. A astúcia – e mesmo a “astúcia pela astúcia”, ou seja, o prazer do jogo-em-si, o que se opõe ao pragmatismo do pícaro; 2. Um comportamento que permite ligá-lo a arquétipos folclóricos; 3. A comicidade popular. Registremos, agora, três histórias protagonizadas por um “malandro”; elas ilustram adequadamente as três últimas características apontadas:

1. Grande Hotel, São José da Costa Rica. À hora do jantar, o jogador Lucas Sete-Bóia dá pela falta de sua prótese dentária, que fora posta num copo, junto à janela do quarto. Enquanto Renato Estelita, chefe da delegação, reunido com os atletas, exige o aparecimento da dentadura – paga, aliás, pelo clube – um empregado do hotel chega com uma bandeja de prata, sobre a qual havia um embrulho e um bilhete. Neste, estava escrito: “Nunca deixe uma cremilda perto da janela. Mandrake, o Mágico.” O quarto imediatamente acima do de Sete-Bóia era o de Garrincha.
2. Londrina. A delegação dorme uma única noite na cidade, após o amistoso. Os jogadores estão exaustos. Por volta das dez horas, João Saldanha faz a última inspeção dos aposentos ocupados pelo Botafogo: Garrincha dormia, com seu indefectível calção preto e branco, “em quadrinhos”. Três anos e meio depois, já comentarista de futebol, Saldanha retorna a Londrina e recebe a visita de uma senhora e de sua filha; esta traz uma criança ao colo. A jovem diz-se noiva de Garrincha; haviam-se conhecido durante aquela passagem anterior do Botafogo pela cidade. Saldanha aceita ser portador da carta que a moça envia ao “noivo”. Ao encontrar-se com Mané, Saldanha obtém a explicação: “Bem, eu dava uma grana pro Domício e ele ficava no meu lugar. Eu botava nele aquele meu calção de xadrezinho e ele botava o travesseiro na cabeça. Mas eu só saí pra ir ao cinema. Ela foi comigo porque quis.”
3. El Salvador. O jogo contra o Independiente, da Argentina, fora antecipado, e Garrincha não havia sido avisado. Renato Estelita, Saldanha e Birruma, o roupeiro, tomam um táxi à procura de

Mané. Muito tempo depois, após passarem por boates e hotéis, Birruma mostra aos dois uma faixa, amarrada em dois postes: “Gran concurso de Bolero – a las nueve de la noche en La Caverna – Plaza Central”. Seguem para lá. Ao entrarem no La Caverna, dão com uma multidão em torno de uma pista de dança. Todos aplaudiam delirantemente o par que se apresentava: uma baixinha frenética e um homem erecto, queixo erguido, pose de toureiro – era Garrincha.

Estamos aqui diante de um personagem preferencial de um “romance picaresco” ou de um “romance malandro”? Internalizando a pergunta – e retomando a primeira oscilação: “romance”? Leiamos o que João Saldanha diz acerca de Garrincha: “Dentro e fora do campo, jamais vi alguém tão desconcertante, tão driblador. É impossível adivinhar-se o lado por onde Mané vai ‘sair’ da enrascada.” (SALDANHA, 1996, 140). A flutuação de sinais que possam caracterizar o personagem liga-se à flutuação de gênero, encorpando-a. São índices significativos que serão levados para o ambiente da terceira oscilação, a fim de confirmar o esquema dinâmico que implica os três actantes paradigmáticos (oficiante, jogador e torcedor) nessa obra de Saldanha.

OSCILAÇÃO DO REPERTÓRIO

Na busca da “gramática” que antecede o autor e é inventário de um modo de vida, devemos investigar o repertório trabalhado por Saldanha, que envolve ambientes e atores. Aqueles são apresentados sob alta mobilidade, em consonância com a perda de centro já anotada. No Brasil, transita-se por Rio, São Paulo, Londrina, Fortaleza, Belém, Goiânia... no exterior, por Costa Rica, México, El Salvador, Colômbia, Holanda, Suécia, França... Já em relação aos atores, a situação já não se oferece à análise com tanta nitidez. Utilizando apenas alguns poucos elementos, dentre tantos disponíveis, é possível formatizar o seguinte esquema:

OFICIANTES	JOGADORES			TORCEDOR(ES)
	Turma do Bagaço	Turma dos Colaboradores	Fora de Turma	
João Saldanha	Tomé	Nilton Santos	Garrincha	João Saldanha
Dr. Carvalho Leite	Amoroso	Didi		
Sr. Cavalcanti	Paulista	Zagalo		
Renato Estelita	Gato			

a) Leitura paradigmática – Pelo campo dos oficiais, ligados a um discurso de reforço, transitam o técnico João Saldanha, o médico Carvalho Leite, os chefes de delegação Cavalcanti e Renato Estelita. Saldanha havia sido diretor de futebol do Botafogo, a convite do folclórico presidente Carlito Rocha, que, por sua vez, fora árbitro de futebol. Saldanha, é indispensável lembrar, chegara a ser atleta ju-

venil do clube alvinegro. Carvalho Leite também fora jogador de futebol, durante quinze anos; Cavalcanti, à época em que se dão as histórias, era fiscal do Ministério da Fazenda; Estelita era alto funcionário da Alfândega. Apesar de alguns diálogos que se ouvem entre paradigmas distintos, prevalecem mensagens sociais de consistência, que fazem contraponto com o tom geral de indeterminação da obra: técnico ex-diretor, presidente ex-árbitro, dirigentes bem remunerados fora do futebol. Dentro dessa moldura, lê-se a conservação de forças, em deslocamentos consentidos, num espaço ritual que ultrapassa o gramado de jogo.

Os jogadores apresentam-se distribuídos por três subconjuntos: a Turma do Bagaço, A Turma dos Colaboradores e Mané Garrincha, o Fora de Turma. A Turma do Bagaço, assim nomeada por Zezé Moreira, técnico antecessor de Saldanha, era composta de jogadores transgressivos, embora não resistentes à autoridade. As violações praticadas, muitas ligadas à satisfação de impulsos próprios de jovens que eram, são-nos passadas sob o olhar benevolente do narrador, embora, enquanto autoridade, Saldanha e outros adotassem a postura firme de combatê-las – mais procurando evitá-las do que punindo-as. Em essência, compunham a Turma dos Colaboradores Nilton Santos, Didi e Zagalo. Embora não sejam apresentados como líderes, projetam-se pelo equilíbrio e mesmo pela contenção. Nilton “fuma pouco”, Didi vai com o grupo a um bordel parisiense “só para olhar”, Zagalo (assim como Nilton e Didi) não poderia ter-se trancado na rouparia de um hotel, em Goiânia, com uma camareira “velhota”, “muito gasta”; os três, segundo o narrador, “não eram disto” – em verdade, teria sido Garrincha. O terceiro subconjunto constitui-se dele, o Fora de Turma: Mané Garrincha. É o herói forjado pelo isolamento, como se dá em relatos míticos que envolvem, às vezes, a flagelação (ou auto-flagelação). Estamos, aqui, lidando com os atletas, um grupo cujo foco está nas fendas do sistema, composto por figuras que podem alcançar a transcendência, a partir de um conjunto de ações e valores. Nilton Santos, Didi, Zagalo e Garrincha tornaram-se campeões do mundo em 1958, “pessoalizaram-se”- os três primeiros, veremos adiante, ganharam autonomia e puderam migrar para o campo dos oficiais; Garrincha, a Alegria do Povo, foi imolado, num ritual em que o álcool foi o símbolo de seu sofrimento.

No interior da terceira moldura, a dos Torcedores, um único nome: João Saldanha. Doou-se ao clube da estrela solitária, na paixão e na razão. Trabalhou como técnico da equipe (que se tornou campeã carioca em 1957) ... sem remuneração. Foi o que, hoje, o pesquisador britânico Richard Giulianotti chamaria de “pós-torcedor”, ou seja, aquele que tem capacidade de avaliar criticamente as estruturas políticas do futebol e de compreender as relações de poder que envolvem os atletas. Apaixonado, orgulhava-se de jamais ter soltado um grito de gol num jogo de futebol; quando se fixou como comentarista, apresentavam-no como “o realmente técnico”. Esse racionalismo deixou em sua obra muito pouco de categorias como sorte e destino, tão identificadas com o torcedor comum.

b) Leitura sintagmática – Em *Histórias do Futebol*, os atores do repertório apresentado envolvem-se em combinações fora da moldura de origem, num trânsito relativizador. Se a leitura paradigmática propiciou a afirmação de estruturas da vida social, a sintagmática irá flexibilizá-las, confirmando ser o futebol um instrumento de dramatização capaz de *totalizar* o Brasil, por sua capacidade de acesso às nossas contradições. Apresentados entre oficiais, o Dr. Carvalho Leite e o próprio João Saldanha estiveram, anteriormente, entre os jogadores. Já Nilton Santos, Didi e Zagalo, do subconjunto Turma dos Colaboradores, transitaram depois entre os oficiais: Nilton Santos foi diretor do próprio Botafogo; Didi e Zagalo tornaram-se técnicos prestigiosos, inclusive de seleções nacionais. Do ponto de vista antropológico, essas transposições desvelam “ritos de passagem” ligados a mudança de *status*. É João Saldanha, no entanto, o responsável maior pela dinamicidade de giro entre os três vértices do triângulo ritual: dirigente, jogador e torcedor, responde pela flutuação de sinais manipulada pelo narrador. Saldanha catalisou os três discursos – sem dispensar elementos competitivos entre eles – fixando na obra a natureza da vida ritual, nem sempre coerente. A ambivalência e a comicidade de *Histórias do Futebol* remetem inevitavelmente à carnavalização bakhtiniana, mais ainda hoje, a distância, quando a desconstrução de polaridades – também no futebol – é fato e quando o ritual da consagração e derrocada de Garrincha é memória. Oscilações projetaram-se na matéria da obra, que – estimulada por elas – levou-nos ao acolhimento do futebol como celebração ritualística da cultura brasileira. E ele, enquanto rito, fez emergir o plano social e o mapa cultural que estavam insinuados nessas preciosas histórias do futebol.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- . *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- . *O saber local*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- MÁXIMO, João. *João Saldanha*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- SALDANHA, João. *Histórias do Futebol*. 4.ed. Rio de Janeiro: Revan, 1996.